

VALDA BERNARDES DE SOUZA BRUNO

**A TRANSFORMAÇÃO NA ÚLTIMA FASE DA VIDA**  
**UMA VISÃO MULTIDISCIPLINAR DO ENVELHECIMENTO**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
SÃO PAULO - 2002

VALDA BERNARDES DE SOUZA BRUNO

**A TRANSFORMAÇÃO NA ÚLTIMA FASE DA VIDA**  
**UMA VISÃO MULTIDISCIPLINAR DO ENVELHECIMENTO**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob orientação da Profa. Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA**  
**SÃO PAULO – 2002**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

São Paulo,

Assinatura:

**Banca examinadora:**

---

---

---

## **RESUMO**

---

O tema abordado nesta dissertação considera o processo do envelhecimento sob um olhar múltiplo e se introduz com uma exposição das influências francesas para compreender o idoso no Brasil. O objetivo é investigar as mudanças na última fase da vida. Usou-se a metodologia qualitativa, ao lidar com o levantamento de dados através da história de vida de um único caso que melhor ilustrava / aprofundava / iluminava este estudo: idosa que buscou uma psicoterapia corporal. A análise do material coletado apóia-se numa visão multidisciplinar do envelhecimento. Observou-se que a pessoa no seu processo de envelhecimento, quando estimulada, acolhida e respeitada, encontra motivação para realizar atividades nunca antes pensadas e experimentadas como por exemplo, o caminho das artes.

Palavras-chave: Idoso; transformação; toque corporal; arte.

## **ABSTRACT**

---

The theme approached in this dissertation considers the ageing process in the light of a multiple look and is introduced with a presentation of the French influences in order to understand the elderly in Brazil. The objective is to investigate the changes that place in the last stage of life. The study used the qualitative methodology as it dealt with data collection by means of the life history of a single case that best illustrated/illuminated this study: an elderly woman who decided to attend corporal psychotherapy sessions. The analysis of the collected material is based on a multidisciplinary view of ageing. It was observed that the person undergoing an ageing process, when stimulated, protected and respected, finds motivation to engage in activities which she/he had never thought of or tried before, such as the arts.

Key – words: Elderly person, transformation, corporal touch, art.

## **DEDICATÓRIA**

---

Dedico este trabalho aos idosos,  
familiares, amigos e pacientes  
que conviveram comigo no  
transcorrer de suas vidas.

## **AGRADECIMENTOS**

---

Agradeço a minha família idosa que me levou a observar desde jovem o processo do envelhecimento.

A meu marido e seus parentes, que me mostram a importância do trabalho e da atividade manual remunerada na idade avançada.

Aos meus pacientes idosos, que chegavam carentes e deprimidos buscando um olhar, uma escuta, um incentivo, um toque para transformarem suas vidas.

A Rosa Maria Farah, colega na Psicologia, que, no momento em que precisava transformar o meu caminho no consultório, apresentou-me à Ruth, também psicóloga, para uma orientação.

A Ruth Gelehrter da Costa Lopes que conheci no NEPE e, após expor o meu trabalho de forma sábia e incentivadora, mostrou-me a possibilidade de trilhar o caminho da Gerontologia.

A Prof.a Dr.a Susana Rocha Medeiros que, logo no exame de seleção, me mostrou a importância de sistematizar meus estudos sobre o envelhecimento, diante da minha vivência de mais de vinte anos em consultório.

Aos colegas do curso de Gerontologia, Waldemar de Azevedo Ferreira Alage, Maria Alice Barretto Giorgi e Sergio Yoshio - com quem montei o Projeto “Convivendo com o Idoso” no Asilo de Inválidos de Santos. Agradeço, ainda, a cumplicidade e o apoio que encontrei nas pessoas que compareceram ao meu exame de qualificação.

À colega Áurea Soares que conheci na Gerontologia, pelo apoio, amizade e sugestões.

Ao primo Zizinho, que se propôs a ler este trabalho e contribuir com sugestões inteligentes e pertinentes.

A Maria Helena A. M. Carvalho, pela paciência e competência na revisão do texto.



A Prof. Dra. Teresa Leal Gonçalves Pereira, amiga de ontem, hoje e sempre, pela leitura e sugestões.

A Prof. Dra. Ana Cristina Limongi França, pela sua amizade e incentivo para crescer e transformar.

Ao meu querido filho Markus que, no seu silêncio e olhar observador, sempre me passou uma força incentivadora para prosseguir meu caminho.

## **SUMÁRIO**

---

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                      | <b>11</b>  |
| <b>1 O ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DE UM OLHAR MÚLTIPLO</b> | <b>17</b>  |
| 1.1 Um breve histórico                                 | 17         |
| 1.2 A Gerontologia                                     | 26         |
| 1.3 Afinal, como vejo o envelhecimento                 | 33         |
| <b>2 PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA</b>                  | <b>38</b>  |
| 2.1 Teoria   | 38         |
| 2.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa            | 44         |
| 2.3 Análise de conteúdo                                | 50         |
| <b>3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO</b>                       | <b>53</b>  |
| 3.1 Descobrimo-se pintora                              | 54         |
| 3.2 Uma artista em ação                                | 65         |
| 3.3 Retomando depoimentos da pintora                   | 76         |
| 3.4 A evolução da pintora                              | 79         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                            | <b>95</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                      | <b>98</b>  |
| <b>OBRAS CONSULTADAS</b>                               | <b>101</b> |

*“A velhice: de longe é tomada por uma instituição; mas são pessoas jovens que de repente se vêem velhas. Um dia, eu disse a mim mesma: tenho quarenta anos! Quando despertei desse espanto, estava com cinqüenta anos. O estupor que se apoderou de mim na época não se dissipou.” (BEAUVOIR, 1995;568)*

## **INTRODUÇÃO**

---

O processo de envelhecimento do homem faz parte da minha história pessoal e profissional.

Na passagem pela década dos meus vinte anos, Simone de Beauvoir já me atraía: suas idéias libertárias, seu espírito de luta por mudanças profundas impulsionaram-me à leitura e ao estudo pouco comum às jovens da minha idade. “Acredito no valor da idéia idealista, com a condição de tomá-la em sua totalidade concreta, sem se deter no estágio da abstração.” (*BEAUVOIR, 1959:214*) Essas e outras colocações da autora chamavam-me a atenção; era um momento histórico pelo qual o Brasil passava, vivíamos em um regime de ditadura e precisávamos ter pensamentos e atitudes idealistas firmes.

Como as propostas libertárias da autora vinham ao encontro das minhas inquietações, passei a acompanhar sua produção crítica e intelectual. Assim cheguei *A Velhice (1976)*, referência para os estudos nessa área do conhecimento. Minhas leituras e meu interesse sobre o ciclo do envelhecimento humano fluíam e eram concomitantes à desenvoltura com que conversava com os idosos, podendo compreendê-los e respeitá-los.

O fato de ter me originado de uma família constituída predominantemente de idosos - a diferença de idade entre mim e meus parentes era de mais de trinta e cinco anos - contribuiu para essa receptividade com essa faixa etária. Quando casei, entrei em uma família com bastantes idosos. Essas sincronicidades - termo que “exprime uma coincidência significativa ou uma correspondência, entre um acontecimento psíquico e um

acontecimento físico não ligados por uma relação causal” (*JUNG,1975:358*) - fizeram com que eu tivesse uma convivência com o cotidiano dessas pessoas: observava suas disposições para o trabalho doméstico, uma vez que o benefício das aposentadorias não cobria todas as necessidades e era preciso aumentar o rendimento. Para tanto, confeccionavam peças de tricô e crochê para doar ou comercializar e nas linhas que teciam, se emaranhavam e se reencontravam, havia um secreto desejo de se manterem ativos.

Hoje associo aquelas lembranças ao que a prática e a Ciência me traduziram: para o idoso, o trabalho parece garantir-lhe dignidade, respeito, saúde e motivação para o trajeto que devem cumprir nessa última fase da vida. Fortaleço essa reflexão, sugerindo que os velhos que conheci teciam muito mais do que as linhas coloridas de seus tricôs ou de seus crochês, teciam ali a própria vida. As mulheres faziam trabalhos artesanais e os homens eram aproveitados como profissionais menos qualificados em certas atividades, os denominados “bicos” (*AURÉLIO,1975:204*), sem registro em carteira assinada, para conquistar pequenos ganhos. Apesar da dura realidade, todos pareciam se sentir valorizados, pois participavam da sociedade. Cresci e vivi entre idosos que usufruíam do ambiente familiar, porém, como se mantinham autônomos economicamente, preservavam sua independência.

Veio ao encontro desta minha experiência o artigo de BOBBIO (1988), da Assembléia Mundial, de 26 de Agosto de 1982, aprovado na Assembléia Geral das Nações Unidas em 3 de dezembro desse mesmo ano, citado em Saúde na Velhice (*LOPES,2000*) cujas orientações sempre nortearam meu trabalho.

“Recomendação número 2: A proteção às pessoas idosas deve superar a simples luta contra a doença, mas almejar até o seu bem-estar total (...). Os cuidados com a saúde deveriam considerar o conjunto dos setores sanitários e sociais, assim como a família em vista da melhora da qualidade de vida dos anciões. Tudo deveria ser feito especialmente no domínio dos tratamentos primários para que os anciões continuem a levar uma vida independente, cada vez mais longe, no seio das suas famílias (este conceito de permanência do ancião na família está, de agora em diante, presente em todos os documentos internacionais) e na sua comunidade, em vez de serem excluídos e isolados de todas as atividades da sociedade (...)”.

“Recomendação 25: A família, sendo reconhecida como a célula base da sociedade, deveria ser encorajada, protegida, revigorada de acordo com os sistemas de valores culturais próprios a cada sociedade, para ajudá-la a responder melhor aos problemas dos anciões.” (LOPES, 2000: 177, 178).

Desta forma, ao iniciar minhas atividades como psicóloga clínica, essas vivências familiares influenciaram na minha disposição de trabalhar com idosos que me eram encaminhados. Nas sessões psicoterapêuticas procurava conduzi-los a uma reflexão sobre as oportunidades que ainda poderiam surgir em suas vidas, desenvolvendo um registro sistemático destes atendimentos, buscando apreender os aspectos menos explícitos.

A proposta deste estudo é, portanto, debruçar-me sobre o material recolhido em meu consultório e refletir sobre as possibilidades de transformações no envelhecimento à medida que a escolha de novos caminhos foi sendo exercitada, por meio da atividade psicoterapêutica.

Optei por me deter em um único caso, priorizando uma detalhada análise sobre o processo transcorrido em uma paciente, que melhor ilustra o tema a ser abordado.

A história da construção de uma pintora, a partir da busca pelo sentido para a vida, aponta para as possibilidades de mudança, em idade avançada.

A minha dissertação se desenvolverá em três capítulos.

No primeiro capítulo, “O envelhecimento através de um olhar múltiplo”, traço um breve histórico da influência que a França exerceu sobre o Brasil no século XVII. Exponho alguns dados da Constituição Brasileira que me fizeram refletir sobre o seu procedimento em relação ao idoso, e que transformações ocorreram. A seguir, menciono os dados históricos da Gerontologia, sua fundação e implantação. Termino com algumas considerações sobre a visão do envelhecimento.

No segundo capítulo, “Procedimentos da metodologia”, faço uma reflexão teórica sobre as técnicas utilizadas, especificando a transformação das sessões psicoterapêuticas em textos submetidos a posterior análise. Incluo a pintora como co-autora deste estudo após a realização de depoimentos gravados. O local e a forma como foram efetuadas as coletas de dados estarão sendo especificados neste item.

No terceiro capítulo, “Análise e interpretação”, trago a história da construção de uma pintora e a sua evolução na última fase da vida.

Nas “Considerações Finais”, é feita uma reflexão sobre as possibilidades de transformação, mudanças e realizações no envelhecimento.

Como CIAMPA, procuro trabalhar teoricamente com um objeto abstrato: transformação. E como ele diz, *“esta tese é antes de mais nada um ato de amor. Amor pelo conhecimento, mas também amor pelas pessoas”*. ( 2000:14)



“Os velhos são sempre os prejudicados, nas condições extremas: sofrem o resultado da contradição de seu estatuto. Nos campos de concentração eram as primeiras vítimas da seleção: sendo nula sua força de trabalho. Não lhes era concedida a menor oportunidade. Todavia, no Vietnã, os americanos os “interrogavam” de maneira tão selvagem quanto aos adultos: eles são tão capazes quanto os outros de fornecer informações”. (BEAUVOIR, 1976:246

## **O ENVELHECIMENTO ATRAVÉS DE UM OLHAR MÚLTIPLO**

### **1.1 Um breve histórico**

Pocurar compreender o envelhecimento por meio de um olhar múltiplo é ampliar a nossa visão para o biopsicossocial e, concomitantemente, refletir sobre os vários segmentos profissionais que interagem com idosos. O enfoque biopsicossocial propõe visão integrada, holística do ser humano, em oposição à abordagem cartesiana. Todo ser é um complexo biopsicossocial, isto é, tem características biológicas, psicológicas e sociais que, embora sejam interdependentes, se manifestam diferentemente na individualidade de cada ser.

Os aspectos biológicos referem-se às particularidades físicas herdadas ou adquiridas ao nascer e durante toda a vida. Inclui o metabolismo, as resistências e a vulnerabilidade dos órgãos ou sistemas orgânicos.

O lado psicológico compreende os processos afetivos e de raciocínio, conscientes ou inconscientes, que formam a personalidade de cada ser e o seu modo de perceber e posicionar-se diante dos outros e das circunstâncias da vida.

Já o social revela os valores, as crenças, o papel na família, no trabalho e nos grupos da comunidade em que está inserido.

Tendo esta visão de conjunto, ao revermos o envelhecimento em outros momentos históricos, encontramos aspectos que podem esclarecer alguns fatos que se repetem nos tempos atuais.

Em 1760, Luiz XIV criou, em Paris, o Hotel des Invalides para abrigar e amparar os soldados incapacitados, por velhice ou por serem vítimas feridas em combate.

O termo inválido era entendido como um título honorífico que atribuía considerações especiais como, por exemplo, o direito de ser mantido pelo Estado. Porém, se faz necessário entender que a idade cronológica correspondente à velhice, nessa época, era muito diferente de hoje.

No século XVII, a média de vida na França oscilava entre vinte e vinte e cinco anos de idade: das crianças nascidas, a metade morria antes de completar um ano, enquanto os adultos morriam, em sua maioria, entre trinta e quarenta anos de idade. As condições de trabalho, a subnutrição e a falta de higiene eram as causas principais dessas mortes precoces.

“Na França, o século XVII foi muito duro para as pessoas de idades. A sociedade era autoritária, absolutista. Os adultos que a regiam não concediam nenhum lugar aos indivíduos não pertencentes à mesma categoria que eles: crianças e velhos. A média de vida oscilava entre 20 e 25 anos. Metade das crianças morria antes de um ano; a maioria dos adultos entre 30 e os 40 anos. As pessoas se desgastavam muito depressa devido às duras condições de trabalho, à subnutrição e à falta de higiene. As camponesas de 30 anos eram mulheres velhas enrugadas e curvadas. Até mesmo os reis, os nobres e os burgueses morriam entre 48 e os 56 anos.

Ingressava-se na vida pública aos 17 ou 18 anos, as promoções eram precoces. Os quadragenários eram considerados velhotes” (*BEAUVOIR, 1976:189*).

A França já vinha há séculos preocupando-se com o envelhecimento.

“A Marquesa de Lambert escreveu em 1748 um guia para as mulheres envelhecidas - ‘*Traité de la vieillesse*’ - onde exortava a paz e a piedade como elementos fundamentais para se ter uma velhice tranqüila, em família. Quase um século depois, em 1822, a Baronesa Maussion indicava em seu livro – ‘*Quatre lettres sur la vieillesse des femmes*’ – que, para se ter uma boa velhice, era preciso, além da piedade e da paz, que os velhos mantivessem relações sociais constantes com os jovens. Ou seja, a sociabilidade aparece como elemento principal do envelhecimento.” (*PEIXOTO, 199:69*)

Quase 200 anos após essa visão na França, temos, na política nacional brasileira com relação ao idoso, ações que propõem parcerias com os órgãos governamentais, visando à integração da população idosa à vida social, assistências e prestação de serviços.

Ao chegar, ao Brasil, em 1790, o Vice-Rei, Conde de Rezende, inaugurou a Casa dos Inválidos, no Rio de Janeiro, na rua Nova de São Lourenço, atual rua dos Inválidos, onde, aos moldes franceses, abrigava os soldados idosos, ex-combatentes, que em idade avançada não podiam mais se integrar a tropas militares. Desta forma, o Brasil começou a pensar e agir em relação ao envelhecimento.

A etimologia da palavra pode nos remeter à reflexão deste estudo. O termo inválido tem sua origem no latim – *invalidu* – e significa que não vale, que perdeu o vigor, enfermo, débil, fraco, incapaz, impossibilitado do trabalho por velhice.

Um outro ponto que me chama a atenção, neste trabalho de historiar as concepções políticas, é que, em pleno século XX, na década de 60, o idoso nem se encontra nomeado.

O Governo, por exemplo, ao rever a Constituição do Brasil em 24 de janeiro de 1967, preconiza apenas os seguintes artigos: - “Art. 167 – A família é constituída pelo casamento e terá direito à proteção dos Poderes Públicos. A Lei instituirá a assistência à maternidade, à infância e à adolescência”. (*FILIZZOLA, 1972:152*).

Como observa *FILIZZOLA*, o idoso não fazia parte da proteção da lei, e o pior, chegava a ser preterido em relação aos bens públicos antigos, como reza o artigo 172, abaixo transcrito:

“Art. 172 – O amparo à cultura é dever do Estado – parágrafo único – Ficam sob a proteção especial do Poder Público os documentos, as obras e os locais de valor histórico ou artístico, os monumentos e as paisagens naturais potáveis, bem como as jazidas arqueológicas” (*1972:153*).

Nessa época, o valor e a proteção para as coisas velhas tiveram prioridade, ficando o homem velho desprotegido da lei. Não há, portanto, nenhuma referência sobre o idoso na Constituição de 1967, por isso, conclui-se que os objetos, os documentos eram Constitucionais e a assistência à velhice era Inconstitucional. O velho, dessa forma, não tinha o mesmo status dos objetos, uma vez que nem era nomeado ou classificado na Constituição. A coisa velha precedendo a pessoa velha.

Vale a pena citar FILIZZOLA para ampliar essa reflexão:

“Negar a consciência, a autonomia, a proteção aos idosos, no seu processo de envelhecimento, é como esvaziá-los de sua essência humana, é reduzi-los a coisa, é coisificar a velhice”. (1972: 152,153)

Foi somente em 1988, com a nova Constituição Brasileira, que se reconheceu pela primeira vez a importância da questão velhice.

“Art. 230 – A família, a sociedade e o Estado têm o dever de cuidar dos idosos, assegurando-lhes uma participação na vida comunitária, protegendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida.” (1988)

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta um estudo-pesquisa focalizando os anos 1992-1999, com os primeiros dados oficiais levantados em relação aos idosos. Quanto à renda familiar e o idoso, cita que, em 1999, 12,2% dos idosos com mais de 60 anos de idade poderiam ser considerados pobres, pois sobreviviam com até meio salário mínimo “per capita” mensal (IBGE-2001:272).

Em São Paulo, na Região Metropolitana, em 1992, havia um total de 15.743.081 idosos e em 1999, 17.380.475, entre 60 e 80 anos ou mais (IBGE-2001:273,274).

Podemos observar com esses dados que, em sete anos, a população idosa cresceu aproximadamente 9%.

“(..) transformar a velhice em uma questão política ou em propor práticas que promovam um envelhecimento bem sucedido, diante da eminência de uma explosão demográfica que exigirá o aumento dos gastos públicos para atender às demandas da população idosa. Os dados demográficos são usados não apenas para traçar o perfil atual da população idosa brasileira, que em 1980 representava 6,1% da população total, mas sobretudo para enfatizar projeções para o futuro próximo”.

*(DEBERT,1999:198,199)*

Este dado abaixo citado, em tese de dourado no Serviço Social, nos preocupa diante da falta de projetos governamentais que comecem a se preocupar com a pessoa que envelhece.

“O Brasil, jovem ontem, é hoje um Brasil envelhecendo e que será o sexto país com maior população idosa em 2025 em comparação a outros países.” (ONU-The World Aging Situation). (GOLDMAN,1999:28). Os dados apontam para um diagnóstico pessimista, contudo, precisamos olhar o processo do envelhecimento no ser humano, como mais um momento no qual existem possibilidades de criar outros caminhos. Não podemos priorizar o envelhecimento biológico, pois nem sempre o velho se sente velho.

Trazendo uma reflexão de Simone de Beauvoir:

“É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta conseqüências psicológicas: determinadas condutas, que são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: seu estatuto lhe é imposto tanto na velhice, como em todas as idades, pela sociedade a que pertence. A complexidade da questão é devida à estreita interdependência desses pontos de vista. Sabe-se, hoje em dia, que considerar isoladamente os dados fisiológicos e os fatos psicológicos constitui uma abstração: eles são interdependentes. O que denominamos vida psíquica de um indivíduo só pode ser compreendida à luz de uma situação existencial; também esta, portanto, tem



repercussões no organismo e vice-versa: o relacionamento com o tempo é sentido de maneira diferente, segundo esteja o corpo mais ou menos alquebrado. Finalmente, a sociedade determina o lugar e o papel do velho, levando em conta suas idiossincrasias individuais: sua importância, sua experiência, reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade a seu respeito. De modo que uma descrição analítica dos diversos aspectos da velhice não pode ser suficiente: cada um deles reage sobre todos os outros e é por ele afetado. É no movimento indefinido desta circularidade que temos de apreendê-la”. (*BEAUVOIR*, 1990:156)

Como podemos constatar, hoje e sempre a sociedade determina o lugar do velho, a maneira de ele se ver, se sentir e reagir.

“Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em coisas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”.  
(BOSI,1999:80)

## 1.2A Gerontologia

Vejamos agora os aspectos históricos da construção da Gerontologia. A Gerontologia veio abranger uma composição de multiprofissionalidade permitindo uma ampliação de conhecimentos sobre o envelhecimento do ser humano incorporando áreas como: psicologia, filosofia, antropologia, sociologia e as biológicas. Representa um esforço para criar uma profunda intercomunicação entre as áreas do conhecimento visando o entrosamento científico para lidar com os idosos de maneira adequada e proveitosa. Os estudos sobre essa faixa etária do ser humano no Brasil são muito recentes, não tendo mais de 50 anos.

A seguir, procuraremos trazer mais alguns dados históricos desta nova área do conhecimento.

Discreteando, encontrei pontos importantes nas leituras que fiz, como por exemplo, que no período de 460 a 377 a.C., Hipócrates, médico célebre da Grécia antiga, dizia que a velhice começava aos cinquenta anos e, estabelecendo um paralelo entre as etapas da vida humana com as quatro estações da natureza, comparou a velhice com o inverno:

“(..) o velho tem menos necessidade de alimento do que os jovens, padecem de dificuldades respiratórias, de catarros que acarretam acessos de tosse, dores nas articulações, de pruridos generalizados, de sonolência; eliminam água pelos intestinos, olhos e narinas, têm muitas vezes catarata, sua vista é fraca e ouve pouco”. (BEAUVOIR,1976:19).

Como podemos observar, as transformações fisiológicas e cronológicas do envelhecimento não mudaram muito, mas conseguimos uma longevidade, um prolongamento da vida saudável e com melhor qualidade. Consideramos qualidade de vida um conjunto de ações sociais privadas ou institucionais que proporcionem ao idoso uma vida saudável e participativa na sociedade em que está inserido.

No fim do século XIX e início do século XX, o Dr L N Nascher, médico de Viena, Áustria (1863 – 1944), criou a especialização a que deu o nome de Geriatria, área que estuda a patologia das doenças nos idosos.

Nascher, quando estudante de medicina nos Estados Unidos, em Nova York, tendo ido visitar um asilo na companhia de seu professor e demais colegas, presenciou um fato que o deixou surpreso com a impotência da medicina diante do processo do envelhecimento.

Naquela ocasião, uma das pacientes do asilo se queixava de seus diversos distúrbios e o professor diagnosticara como “idade avançada”. Ao ser questionado pelos alunos sobre os procedimentos adequados, respondeu que não havia nada a fazer. Nada?!!!

Ao voltar formado para o seu país, percorrendo vários asilos europeus, constatou que em um determinado, a longevidade e o estado de saúde dos idosos eram excelentes, pois, conforme explicações do médico diretor, tratavam-se os pacientes como os pediatras tratavam seus pacientes.

Ao refletir sobre o paralelo entre crianças e velhos, criou a especialidade Geriátrica, que se tornou na medicina o estudo das doenças dos velhos, calcado na idéia de que as fragilidades dos corpos envelhecidos requeriam cuidados semelhantes aos dedicados às crianças.

Após a criação da Geriatria, surgiu outra ciência, a Gerontologia, criada por E. Metchnikoff (1845 – 1916), com o objetivo de investigar e descobrir a natureza do envelhecimento, que se desenvolveu em três planos: Biológico, Psicológico e Social, ou chamado desenvolvimento biopsicossocial

No Brasil, oficialmente, o início da Gerontologia, se deu no Rio de Janeiro em 1968, com a fundação da Associação Brasileira de Gerontologia-ABG, uma sociedade civil, brasileira, científica, cultural e educativa, sem finalidade lucrativa, com personalidade jurídica própria, de âmbito nacional, interprofissional e interdisciplinar cujo estatuto foi composto por vinte artigos e alguns parágrafos, preconizando o amparo ao velho.

Essa associação passou a funcionar regularmente, em 1969, solicitando sua filiação à International Association of Gerontology.

Nesse mesmo ano houve o VIII Congresso Internacional de Gerontologia, em Washington, com a participação de trinta e nove nações e com mil e quinhentos representantes. Do Brasil, apenas um solitário representante do Rio de Janeiro se fez presente. Nenhum outro Estado brasileiro, nem o Estado de São Paulo, tão importante pólo cultural da América Latina se fez representar.

São Paulo também não participou na criação da ABG nem constou do catálogo Internacional de Gerontologia, divulgado nesse Congresso em Washington, motivo pelo qual transcrevo o comentário do Dr. Mário Filizzola:

“Causa surpresa verificar a ausência de São Paulo. Onde está São Paulo? Por que nem o nome de São Paulo foi citado no Catálogo Internacional de Gerontologia?

Deve haver alguma explicação para a ausência de São Paulo desse campo científico, justamente o Estado mais rico, mais próspero, e mais industrial da Federação. A razão só pode ser uma: - preconceito contra a velhice e idéias anacrônicas baseadas na suposição de que a família e não as Universidades, os Governos e a comunidade são responsáveis pela problemática do envelhecimento”. (1972:316).

A omissão da Comunidade Científica de São Paulo marcou, sem dúvida, um atraso no processo de desenvolvimento e interesse pela Ciência Gerontológica no Brasil.

Na verdade, São Paulo só passou a se preocupar, efetivamente, com o envelhecimento, a partir da década de setenta, permanecendo a Gerontologia, nesse período, no campo das idéias. Faltava abertura para o campo da ação.

Mas vejamos o que este autor já vinha propondo em termos de práticas sociais junto a este segmento etário:

“A Gerontologia preconiza que se conserve o homem ocupado até a mais avançada idade, como proteção contra o envelhecimento e a morte, porque a ociosidade contribui para envelhecer as pessoas mais depressa, sem atividade. Mudam-se as ocupações das pessoas no decurso de suas vidas, de acordo com as suas aptidões e rendimentos, mas não as condenem, jamais, à invalidez!” (*FILIZZOLA, 1972: 304*) .

Esse pensamento sempre foi claro para mim, fazendo parte da minha vida e do meu trabalho psicoterapêutico com idosos que chegavam ao meu consultório: idosos deprimidos, desprestigiados, desconsiderados, não só no seu processo de desvalorização profissional, através da aposentadoria forçada, como também nas relações familiares.

Acreditava e acredito nas possibilidades que a pessoa idosa tem de repensar a sua vida e de ter autonomia no processo de envelhecimento.

É preciso criar uma nova consciência de vida, quando se percebe que os anos estão se passando e são, por vezes, desorientadores e desestimuladores.

Ao reler Guita Debert, nos chama a nossa atenção a distância entre as inquietações produzidas pelo tema, até à implantação de estudos sistemáticos na comunidade científica.

“Vale lembrar, contudo, que é a partir dos anos 70 que a velhice passa a receber um tratamento acadêmico propriamente dito, transformando-se em um tema de pesquisas e de estudos no interior das universidades, especialmente na pós-graduação, em diferentes disciplinas”. (1999:197)

Urge que se trate com seriedade e que se ampliem os estudos sobre a gerontologia, pois já se apresentam projeções demográficas preocupantes para São Paulo e para todo o Brasil. A falta de infraestrutura para sustentar o envelhecimento do povo brasileiro, garantindo-lhe dignidade e qualidade de vida é evidenciado nesses estudos.

A seguir, procurarei me posicionar frente a este quadro, compartilhando uma prática profissional que possa contribuir com uma abordagem multidisciplinar nas questões relativas ao envelhecer.



“Assim, a idade avançada é... uma limitação, um estreitamento. E no entanto acrescentou em mim tantas coisas: as plantas, os animais, as nuvens, o dia e a noite e o eterno no homem.”  
(*JUNG, 1975:310*)

### 1.3 Afinal, como vejo o envelhecimento

A realização pessoal é muito importante no ser humano no momento em que percorre a fase do envelhecimento. Adquirir autonomia, conquistar o respeito por suas vontades são os caminhos que vão dar segurança e liberdade de ação ao idoso.

Não podemos esquecer que a pessoa, normalmente, em qualquer fase da vida, tem vontade, desejo de continuidade, impulso para alcançar espaços.

Convém ressaltar que:

“(..)se processam transformações importantes nas relações estabelecidas pela sociedade com a velhice na nossa tradição cultural. A velhice passa a ser objeto de cuidado e atenção especiais, que eram certamente inexistentes nos últimos dois séculos.”  
(*BIRMAN, 1993:35*)

Certamente, é uma fase que requer cuidados, sem necessidade de ênfase no declínio físico.

Não consigo ver como anos de declínio, e sim como uma etapa da vida, como foram a infância, a adolescência, a juventude, e a idade adulta:

“(..) a aceitação passiva, a resignação, a indiferença, a camuflagem de quem está obstinado em não ver as próprias rugas e o próprio enfraquecimento e se impõe a máscara da eterna juventude, a rebelião consciente através do esforço contínuo, muitas vezes destinado ao fracasso, de continuar de modo inflexível o trabalho de sempre, ou, ao contrário o distanciamento da agitação quotidiana e o recolhimento da reflexão ou na prece, o viver esta vida como se fosse a outra, dissolvidos todos os vínculos mundanos. A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade.”  
(BOBBIO,1976:29)

Embora o envelhecimento no Brasil esteja associado à miséria, uma pequena parte privilegiada da população pode escolher caminhos ou atividades, agora já sem obrigações profissionais. É o momento de se realizar com o desdobramento do núcleo familiar, através dos filhos, e com a chegada dos netos.

Importante salientar que as mudanças na concepção do envelhecimento já vêm ocorrendo ao longo dos anos.

A velhice passa por uma transformação significativa.

Apesar do declínio físico advindo dos muitos anos vividos, podemos observar que as pessoas se mantêm ativas, sonhadoras e procurando realizações, como é a história de vida do sujeito de estudo desta dissertação, que veio a se tornar pintora.

A mudança na concepção de “ser velho” foi marcante para aqueles que vivenciaram a década de sessenta formando os velhos de hoje: participantes e exigindo qualidade de vida.

Os jovens da década de sessenta, que hoje estão iniciando a última fase de sua vida, são esportistas, participam da sociedade e vestem-se acompanhando o estilo do momento. A calça “jeans”, por exemplo, pode ser usada pelo jovem, pelo adulto-idoso e pelo velho. Não há mais discriminação de trajés e as gerações estão mais próximas.

Neste momento em que estou sistematizando meus estudos na Gerontologia percebo o quão é essencial formarmos uma consciência que transforme as visões estereotipadas em relação ao envelhecimento.

Por que estou me propondo esse desafio? Porque vejo a importância de as famílias darem condições para manterem seus idosos próximos.

“(…) a marginalização dos velhos em uma época em que a marcha da história está cada vez mais acelerada é um dado de fato impossível de ignorar. (...) O velho sabe por experiência, aquilo que os outros ainda não sabem e precisam aprender com ele, seja na esfera ética, seja na dos costumes, seja na das técnicas de sobrevivência”. (BOBBIO, 1976:20).

A marginalização do velho e a ausência de objetivos levam-no a uma vida sem qualquer perspectiva de futuro. Portanto, resgatar o lugar social do idoso é crucial.

BIRMAN nos indica as possibilidades que historicamente se abriram, à medida que a visão da velhice passou por mudanças.

“(…) A subjetividade do velho não era reconhecida. Vale dizer, o idoso era considerado alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo. (...) a possibilidade de reconhecimento da velhice como sujeito psíquico existente e como agente social, o idoso pode talvez se relacionar com o futuro de uma outra maneira redimensionando a sua inserção na ordem da temporalidade. (BIRMAN, 1993:38,39)

A perspectiva do idoso de se ver como agente social vem ao encontro do meu pensamento sobre a preservação da autonomia no envelhecimento. Respeitar e reconhecer as suas possibilidades de fazer escolhas é muito importante. Eles estão na vida para viver e não para passar por ela sem propósitos e somente aguardar o encontro com a finitude.

“Nossos conhecimentos são apenas aproximação da plenitude da realidade, e por isso mesmo são sempre relativos; na medida, entretanto, em que representam a aproximação efetiva da realidade objetiva, que existe independentemente de nossa consciência, são sempre absolutos. O caráter, ao mesmo tempo absoluto e relativo da consciência, forma uma unidade dialética indivisível”.

*(LUKÁCS, 1967: 233).*

## **PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA**

### **2.1 Teoria**

O meu grande desafio neste estudo foi construir um referencial teórico e procurar metodizar uma prática de levantamento de dados biográficos de história de vida. A proposta de pesquisa - **transformação na última fase da vida** - exigia um conjunto de princípios ao examinar o material registrado na minha atividade clínica, ao longo de vários anos.

Segundo CIAMPA, (2001) numa linguagem de dicionário, pode-se dizer que **transformação** é dar uma nova forma, modificar, diferenciar-se da vida que estava vivendo e **fase** é um estágio de uma evolução que compreende uma série de modificações.

Dessa forma, optei pelo método qualitativo de análise, indicado para estudar história de vida.

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO,2001:21,22).

Na atividade clínica, tive sucessivos encaminhamentos de pessoas idosas e como procedimento de trabalho desenvolvo um registro sistemático dos atendimentos realizados.

O meu universo de trabalho é com histórias de vida de adultos jovens, adultos de meia-idade, adultos idosos e velhos. Esses últimos chegaram ao final de sua jornada de trabalho com possibilidades físicas, orgânicas, emocionais e sociais, para reverem e promoverem a transformação e poderem dar espaço às suas aspirações, por meio de atividades nunca antes possíveis de serem realizadas. Suas responsabilidades como pais, educadores e provedores de suas famílias não lhes permitiam sonhar ou realizar atividades fora das obrigações costumeiras no seu cotidiano. São pessoas que buscaram na ajuda psicoterapêutica, um suporte psicológico ou, simplesmente, alguém que os escutasse, sem censuras, buscando também, uma proteção ética, à medida que seus sentimentos, suas dores, suas aspirações mais profundas diante de si mesmos e de seu universo familiar e social eram expostos.

A trajetória voltada para a escuta do sofrimento humano esteve amparada em subsídios teóricos. No meu caso, toda a minha formação como clínica seguiu a abordagem corporal, focada na calatonia.

O atendimento psicoterapêutico e essa abordagem têm como objetivo proporcionar um clima reflexivo buscando propiciar o resgate da sua própria história e das suas escolhas, para com a ajuda do psicólogo transformarem momentos difíceis e sem perspectivas em uma nova fase de vida.



Levando em conta que uma pesquisa não deve ser simplesmente descritiva, mas deve ser sustentada por uma idéia, construída ao longo de uma discussão que funcionará como alicerce, a argumentação evoluiu com base em dados resultantes da pesquisa, dando maior consistência ao debate proposto. Por isso, além de haver um argumento, a consistência da análise do material foi forjado a partir da discussão que o próprio pesquisador estabeleceu confrontando os resultados com teorias e com dados que antecederam esta dissertação.

O nosso estudo contempla a pessoa nessa última etapa e conhece sua história de vida, através do material coletado dentro do contexto do atendimento com a Calatonia que será descrita, adiante, no item relativo aos procedimentos metodológicos.

Este estudo investigou como o idoso, em condições de expressar a sua vontade e ter autonomia diante de sua vida, mostra resultados promissores. Pareceu-nos emblemática a história da senhora que não via sentido em ficar em casa após sua aposentadoria, e torna-se uma pintora, inicialmente de pequenos ladrilhos, evoluindo para quadros em óleo sobre tela e para a tinta pastel, sem nunca ter desenhado ou pintado. Mais tarde, já aos 70 anos, surge também o interesse pelas esculturas. O universo do estudo é sua história. O mito de que a pessoa idosa não muda, torna-se empecilho, diante de um idoso em crise existencial e depressões. Qualquer ação que leva à consciência, transforma.

“Metamorfose: a gente ir se transformando permanentemente! Somos seres humanos, somos matéria: através da prática, a gente vai se transformando!” (CIAMPA, 2001:111).

Portanto, esse é um ponto fundamental neste contexto de justificativa da metodologia: procuramos atentar para as possíveis sustentações do movimento de transformação.

Sabemos que os processos são exclusivamente individuais e intransferíveis, mas que refletem aspectos do coletivo.

Aproveito aqui para mencionar que o autor citado acima (CIAMPA,2001) me fortaleceu na justificativa pela opção metodológica de trabalhar com um único sujeito.

KOLYNIAKK assim denomina o que seja o sujeito típico:

“O que é sujeito ‘típico’? É aquele que encarna um movimento que é coletivo, não do indivíduo, que de alguma forma está concretizando as tendências (utopias, projetos, crenças etc) que estão delineando-se no grupo em estudo. Uma vez captada esta tendência, escolhemos o sujeito, que não é um único possível, um eleito, mas é um que está conseguindo concretizar esta tendência. Notemos que falamos em estar conseguindo realizar uma tendência e não em tê-la concretizado, uma vez que o conceito contido em ‘concretizando uma tendência’ traz em si a idéia de movimento contínuo, a tendência se amplia ou se modifica a cada momento em que ela é ‘perseguida’“. (1996,35,36)

A busca pela apreensão do movimento de transformação fez com que também a proposta metodológica inicial sofresse modificações.

Embora o objetivo fosse analisar os dados colhidos ao longo de um processo psicoterapêutico, já concluído, ao recontatar a paciente, por telefone, visando recolher autorização desse material, surgiu a possibilidade de um novo encontro.

“É através do raciocínio que o autor expõe, passo a passo, seu pensamento e transmite sua mensagem. O raciocínio, a argumentação, é o conjunto de idéias e proposições logicamente encadeadas, mediante as quais o autor demonstra sua posição.” (SEVERINO,2000:55)

## **2.2 Procedimentos metodológicos da pesquisa**

Um ponto fundamental para desenvolver o estudo que este caso clínico possibilitou foi acompanhar o prosseguimento de sua evolução. Para isso, foi importante o consentimento da senhora em contribuir com uma entrevista-depoimento tornando-a co-participante deste trabalho.

Ao eleger como objeto desta dissertação um caso clínico cujas mudanças ficaram evidenciadas ao longo do tratamento quis estudar a importância da transformação desse sujeito ao iniciar a última etapa de vida, mesmo que num primeiro momento o sujeito se mostrasse totalmente desestimulado e sem perspectivas.

A situação propiciada pelos encontros semanais nos aproxima do idoso que procura o psicoterapeuta para escutá-lo, surgindo assim uma reconstituição autobiográfica, que nem sempre é plenamente consciente; o relato de sonhos e de imagens contém farto material, que ao ser interpretado, ofereceu oportunidade de revisão do passado.

Portanto, propunha-me a debruçar-me sobre o material recolhido e refletir sobre as possibilidades de transformação no envelhecimento, à medida que se propiciavam oportunidades de reflexão. Também à proporção que a autonomia na escolha dos caminhos foi sendo exercida através da atividade psicoterapêutica, ocorreram mudanças.

Inicialmente, escolhi três casos que atendiam o meu objeto de estudo: a transformação. Ao me deparar com a impossibilidade de os reencontrar, (por terem mudado de endereço ou de cidade) e não poder usar os dados que comprovariam as mudanças, optei por um único que me proporcionou essas condições.

Ao extrair do prontuário em carteira anotações dos dados, falas e expressões que correspondam ao objeto do estudo proposto, destacamos a importância do resguardo da privacidade e do anonimato do sujeito.

Procuro transcrever os registros de como foram anotadas essas sessões não trazendo detalhes de sua intimidade pessoal, familiar e social, pois o enfoque deste estudo é a transformação que pode ocorrer ao idoso, quando se chega sem estímulos à aposentadoria.

Gostaria aqui de me deter no relato de como realizamos o atendimento, seguido de registro; considero essencial descrever a técnica da calatonia, que também foi uma etapa do procedimento metodológico na construção deste estudo, para compreender a transformação ocorrida no sujeito.

Nossos encontros se deram num espaço de 20 meses, ora uma vez por semana, ora duas vezes, conforme o estado de ansiedade em que se encontrava. Eram realizados em meu consultório, em uma sala com duas poltronas uma em frente à outra. Junto à poltrona, uma mesa de apoio, onde mantenho uma prancheta com papel e caneta para registrar as falas da paciente, sujeito deste estudo e arquivadas num prontuário.

Após aproximadamente 20 minutos nos transferíamos para a sala ao lado, a paciente se deitava e aplicávamos os toques com a técnica calatônica que a levava a um estado de descontração. Detalharemos cada etapa deste procedimento, em seguida.

Calatonia foi o termo cunhado por Sándor para designar a Metodologia de Trabalho Corporal por ele desenvolvida desde suas primeiras observações sobre a atuação terapêutica do toque.

Surgiu pelas mãos do Dr. Pethö Sándor, médico, nascido na Hungria e convocado para servir num hospital da Cruz Vermelha, durante a Segunda Guerra Mundial. Ali, em meio ao caos, ele começou a atender os feridos, mutilados e traumatizados pela guerra com seus conhecimentos médicos, mas também, por impulso ou intuição, diante de tanto sofrimento, tocava os pacientes de forma suave.

“(…) As mais diferentes queixas na fase pós-operatória, desde membros fantasmas e abalamento nervoso, até depressões e reações compulsivas. Percebeu-se então que além da medicação costumeira e dos cuidados de rotina o contato bi-pessoal juntamente com a manipulação suave nas extremidades e na nuca, com certas modificações leves quanto à posição das partes manipuladas, produzia descontração muscular, comutações vaso motoras e recondicionamento do ânimo dos operados, numa escala pouco esperada”. ( *SÁNDOR*,, 1974:92)

Assim, com essa bagagem chega ao Brasil, a São Paulo, em 1949. Foi na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo que primeiro divulgou este método terapêutico em suas aulas de aplicação de técnicas de relaxamento e análise de manifestações psicossomáticas.

A palavra calatonia tem sua origem no verbo grego:

“Khalaó”, que significa “relaxação” e também “alimentação”, “afastar-se do estado de ira, fúria, violência”, “abrir uma porta”, “desatar as amarras de um odre”, “deixar ir”, “perdoar aos pais”, “retirar todos os véus”. (SÁNDOR,1974:92)

A escolha desse nome pelo Dr. Sándor buscou transmitir os princípios norteadores desta proposta.

“Assim, ainda conforme o próprio autor, a expressão calatonia indica uma condição de descontração, soltura, porém não apenas do ponto de vista do tônus muscular: em seu sentido mais amplo, refere-se também àquelas possibilidades de reorganização de tensões internas, cuja origem o termo nos sugere analogicamente.”

(*FARAH, 1995: 300*)

Em que consiste a calatonia?



Para visualizar em que consiste essa metodologia, resumimos sua dinâmica de forma sucinta.

Após o contato inicial verbal, encaminhamos o paciente para a sala de relaxamento onde se encontra uma cama do tipo “turca”, coberta por toalhas e uma manta, na lateral caso a temperatura sugira seu uso. Pedimos que tirem os sapatos e meias e objetos que possam incomodar, como: jóias, bijuterias e objetos em bolsos. Ao deitar-se, iniciamos os toques nos dedos dos pés, suaves e sincronizados; cada toque leva aproximadamente três minutos, num total de vinte e cinco minutos. O estado de descontração conduz o paciente a um profundo relaxamento.

Antes de emigrar para o Brasil, Sándor trabalhou na Alemanha no exercício da medicina, com pacientes em sofrimento do pré e pós-guerra. No Brasil, este método se expandiu para o atendimento psicológico, constituindo-se uma abordagem reconhecida pelo Conselho Regional de Psicologia.

Assim, ao expormos uma sucinta descrição da calatonia à qual a nossa paciente se submeteu no atendimento em consultório, chamamos a atenção para o propiciador do resgate biográfico da sua trajetória de vida.

“A Análise de Conteúdo como método não possui qualidades mágicas e raramente se retira mais do que nela se investe e algumas vezes menos (...) no final das contas nada há que substitua as idéias brilhantes”.

(MINAYO,1999:202 - BARDIN,1979:20).

## 2.3 Análise de conteúdo

A construção do saber científico pressupõe a capacidade de mobilizar atitudes, teorias e técnicas, indicando caminhos e métodos alternativos de investigação.

Na categoria **transformação** busco estabelecer a história passada e presente da vida do sujeito e a ressignificação de sua trajetória.

O primeiro passo foi organizar e levantar os dados que seriam pertinentes a esta investigação fazendo uma leitura criteriosa do prontuário da paciente, extraíndo o que atendia a nossa proposta.

O segundo passo foi realizar um levantamento bibliográfico que me permitisse aprofundar e compreender o idoso no momento crucial da sua aposentadoria.

Um terceiro passo foi combinar três ingredientes que produzem conhecimento, ou seja, teoria, método e criatividade.

MINAYO, ao descrever análise de conteúdo, nos diz que é mais que um procedimento técnico, citando BARDIN:

“Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”. (1999:199-1979:42)

A técnica de história de vida nos remeteu à compreensão, não apenas da transformação do sujeito como também nos forneceu elementos culturais para que a própria história seja mais bem compreendida neste estudo.

“Interpretar, em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das idéias enunciadas, é superar a estrita mensagem (...) é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das idéias expostas, é coteja-las com outras, enfim, é dialogar”.  
(SEVERINO,2000:56).

### **3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO**

---

Nesta etapa, pretendo fazer uma interlocução entre a fala da entrevistada - que denominamos simplesmente Pintora - teóricos que subsidiaram este estudo, e a minha interpretação.

Em uma das aulas no curso de Gerontologia ( 2000), ouvimos de MEDEIROS uma sábia colocação: “O velho tem muito a dizer. Sua vida não foi apenas o que viveu naquele tempo, sua vida continua e sua história pessoal se cruza com histórias coletivas”.

A releitura dos depoimentos coletados do nosso sujeito típico ilustram o pensamento citado acima.

A seguir trataremos de explicitar esse movimento.

### 3.1 Descobrimo-se Pintora

O primeiro contato com a futura Pintora se deu no consultório de psicoterapia. Apresentou-se uma mulher cuidada, bonita, vaidosa que me relatou ter sido sempre assim. Porém, naquele momento estava tensa, nervosa, angustiada e deprimida com a aproximação da aposentadoria.

*Não sei o que vou fazer. Não fui educada para ser dona de casa.*

Podemos afirmar que Simone de Beauvoir é hoje leitura obrigatória para refletirmos sobre a velhice contemporânea. Na sua obra já nos alerta para a tragédia que representam os últimos anos de vida passados sem objetivos e perspectivas.

“Segundo todos os gerontologistas, viver os últimos vinte anos da vida em bom estado físico, mas sem nenhuma atividade útil, é psicológica e sociologicamente impossível. É preciso dar a esses sobreviventes motivos para viver: a ‘sobrevivência bruta é pior que a morte’. Você não pode estar aposentado e viver”. (BEAUVOIR,, 1990: 337,338)

Nesse sentido, a entrevistada por meio da sua angústia expressa o desejo de trilhar um caminho alternativo. Na ocasião ainda não podia se saber qual o sentido que seria dado a toda essa inquietação.

Na primeira sessão psicoterapêutica veio acompanhada por uma das filhas, por orientação médica. Acreditamos que aceitar a indicação dada por este profissional aponta mais uma vez para um sujeito que esta à procura de ajuda.

Assim começamos os nossos encontros.

Podemos dizer que a sua história começa quando sua mãe engravidou aos 40 anos depois de 10 anos que tivera o último filho. Achava que era um fibroma e quando ficou constatada a gravidez, sentiu muita vergonha, foi para a fazenda e lá ficou até ela nascer.

*Como ela não me queria, não se cuidou e eu nasci muito pequena, cabia em uma caixa de sapatos com algodão, pois nasci de 7 meses. Minha mãe me rejeitou sempre; para eu sobreviver, tive que tomar leite de vaca, porque ela perdera o leite com uma infecção nos seios.*

A sensação de rejeição é um sentimento forte que permeou toda a sua vida. Aqui, nos interessa este fato, pois, como veremos na sua transformação ele não foi impeditivo para as conquistas que fez. Ao contrário, foi precoce em tudo:

*Aos 11 anos comecei a namorar, com 18 anos fui trabalhar e aos 20 anos já estava casando. O meu relacionamento com meus pais e irmãos sempre foi muito tenso. Sentia raiva de minha mãe por ter me rejeitado.*



*Após o casamento, continuei a trabalhar e nunca cuidei da casa e dos filhos diretamente, sempre tive empregados de confiança.*

Teve cinco filhos, quatro mulheres e um único homem, saudáveis e queridos cuidados por uma ama dedicada que passou a fazer parte da família, liberando-a de mais estes afazeres domésticos. Entretanto, a relação com o marido sempre foi muito sofrida.

Era um homem do meio artístico, especificamente do Rádio, onde ela também foi trabalhar, quando se mudaram para São Paulo. Projetou o seu nome com o pseudônimo de “Tânia Ramirez”, escrevendo para o “Teatrinho das Cinco” e “Madame D’Anjou”, programa de consultas por cartas que vinham de toda São Paulo e do Brasil.

*Eu estava realizada, produzia muito, escrevia, escrevia. Depois de anos nessa realização profissional, a Cidade do Rádio acabou, e eu e meu marido perdemos o emprego.*

O trabalho tornou-se ponte de contato para essa difícil união conjugal e possibilidade de realização para uma mulher que não tinha nas atividades da casa sua meta de vida.

BEAUVOIR, ao citar um depoimento de Hemingway, ilustra os sentimentos de desesperança e abandono que o afastamento do trabalho provoca.

“A pior morte para um indivíduo – escreveu Hemingway – é perder o que forma o centro de sua vida, e que faz dele o que realmente é. Aposentadoria é a palavra mais repugnante da língua. Seja escolha nossa ou imposição do destino, aposentar-se é abandonar nossas ocupações – essas ocupações que fazem de nós o que somos – equivale a descer ao túmulo.” (BEAUVOIR, 1990: 325)

Vejamos as trágicas conseqüências que trouxe para a vida da entrevistada a ruptura com o emprego. Conseguiu uma nova inserção social que supria as necessidades econômicas, mas não a realização profissional. O marido tornava-se ainda mais cáustico com as perdas físicas, oriundas do acidente vascular cerebral, destruindo símbolos que lhe eram preciosos. Mais do que nunca, necessita de espaços para se reconstruir.

*Meu marido teve um derrame e foi aposentado por invalidez. Eu fui trabalhar no Cartório de Registro de Imóveis de um cunhado, e agora estou chegando à aposentadoria sem saber o que fazer. O que sempre gostei de fazer foi escrever, mas tive um bloqueio quando saí da Rádio; foi um impacto. Depois de alguns anos, quando fui procurar os meus escritos, constatei que meu marido havia jogado todos no lixo. Foi muito triste saber que tudo que produzi numa fase áurea de minha vida, não existia mais, o que contribuiu mais ainda para o meu bloqueio em voltar a escrever.*

*Gosto de vir aqui, você me ouve e eu não preciso me preocupar com o que falo. O relaxamento me faz bem, estou dormindo melhor, e também conseguindo lembrar dos meus sonhos. A minha ansiedade diminuiu.*

O trabalho verbal e os toques calatônicos, propiciavam o afrouxamento das tensões permitindo o desatar das amarras, o levantamento dos véus dos olhos e a possibilidade de colher novos alimentos. Estas imagens poéticas, pertencentes ao linguajar dos profissionais que atuam com a calatonia, ilustram o rico movimento que se desencadeou na atividade psicoterapêutica.

Neste momento, ao se declarar incapaz para a escrita, falei da possibilidade de desenhar os sonhos noturnos e as imagens que surgiam quando estava recebendo os toques e entrando em relaxamento profundo. Como havia tido um bloqueio para escrever, mencionei a possibilidade de se expressar pelo desenho. Reage dizendo:

*Odeio desenho, quando estava na escola a professora mandava eu desenhar na lousa, e eu nunca consegui.*

Insisto, dando-lhe papel e lápis, e ela desenha formas primárias, desabafando:

*Sempre vou a exposições de pintores e fico com inveja do que eles são capazes de fazer.*

Ao perguntar que pintor a atraía citou Van Gogh, dizendo que as cores a fascinavam.

Dirigi nossa conversa sobre o querer, fazendo uma retrospectiva de sua história de vida, e falei do seu nascimento, de sua vontade de vir ao mundo, ao nascer com 7 meses, ou seja, prematura, em uma fazenda, e conseguir sobreviver; lembrei de seus namoros na infância, do seu casamento, da sua atuação na Rádio, suas orientações para as ouvintes. A vontade sempre esteve presente em sua vida, exercendo autonomia como mãe, esposa e profissional.

Falar de sessões e entrevistas parece, num primeiro momento, causar estranheza. Mas MINAYO nos esclarece esse procedimento:

“(..) a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos.(...) por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível serve como um meio de coleta de informações”. (2001,57).

Nossas sessões aconteciam uma vez por semana, ou duas por sua solicitação. Havia necessidade de falar e de ser ouvida com atenção e sem censuras ou críticas, pois lhe aliviava a tensão e a ansiedade.

*Nunca tive ninguém para me escutar, sem censuras. Quando estava muito nervosa, procurava os padres para conseguir um alívio, mas sempre precisava medir as palavras. Aqui falo da minha vida sexual, dos meus desejos e conflitos sem constrangimento.*

Nos seus relatos, os sonhos e as imagens surgidas por meio do relaxamento eram por mim interpretadas. Continuei insistindo para que desenhasse e lhe dei a seguinte orientação: em casa, pegue um papel e um lápis, feche os olhos e solte a mão, deixe-a deslizar pelo papel. Apesar de demonstrar estranheza frente à sugestão, disse que iria tentar.

Esta orientação surgiu de uma experiência de vida, quando trabalhei com crianças cegas e videntes. Pegava um objeto e pedia para as meninas fecharem os olhos: cada uma tinha o objeto nas mãos por alguns minutos – pedia-se depois que desenhassem e havia uma perfeição de detalhes nos desenhos das crianças cegas que sabiam ler com as mãos diferente dos desenhos das videntes, que apresentavam dificuldades em reproduzir. Passei a usar essa orientação com pessoas que, quando solicitadas a desenhar, apresentavam resistência, como fiz com a pintora.

*Fui para Ubatuba, tomei uns banhos de sol e ao chegar em casa vi dois barquinhos, e disse para mim, vou tentar desenhar conforme a orientação da Valda. Peguei lápis de cera e papel comum, fechei os olhos e deixei a mão correr. Quando abri, a maior surpresa da minha vida, eu havia feito um cavalo marinho. Parecia uma pintura.*

Como sempre resistisse a desenhar os sonhos e imagens, percebi que, se eu mudasse a palavra desenho para pintura, seria produtivo.

Com esta conquista resolveu entrar num curso de pintura, aos sábados. Empolgava-se com as cores, com os pincéis, com a sua possibilidade de transformar aquele momento sem expectativas de futuro, sem ter o que fazer em virtude da aposentadoria. Estabeleceu uma relação afetiva com a professora de pintura que a incentivava mais que a própria família.

Estávamos juntas há pouco mais de um ano.

Um dia me disse que ia fazer um quadro para mim, e como inicialmente os recursos para comprar o material eram poucos, ela pintava em ladrilhos e me trouxe este “pôr do sol”.



**Pôr-do-sol - 1989**

*O pôr do sol representa uma fase de minha vida que está terminando.*

Diante do meu entusiasmo, ela perguntou se em minha casa havia parede grande. Como respondesse afirmativamente, passados seis meses e, já pintando em telas, me presenteou com outro quadro do pôr do sol.



**Pôr-do-sol - 1991**



Sua auto-confiança foi se firmando e o entusiasmo pela pintura cresceu.

*Quando me aposentar, vou ser pintora, terei outra profissão; já fui escritora, sou funcionária pública e agora artista. Você me ajudou muito.*

Ao terminar o processo psicoterapêutico novamente me presenteou com um quadro pintado a óleo sobre tela. Um vaso com flores, sinalizando a nossa despedida daqueles momentos em que vivemos tão próximas e que estavam se distanciando.



**Flores - 1992**

Nossos encontros totalizaram 74 sessões psicoterapêuticas, que transformei em relatos orais, quando escolhi esse caso clínico para ser o objeto de meu estudo, pretendendo mostrar a possibilidade que o idoso tem de transformar sua vida.

### **3.2 Uma artista em ação**

Entrar novamente em contato com a pintora foi muito importante para esse estudo, que nos remeteu ao passado e ao presente de uma forma muito singular na minha trajetória profissional, desde o nosso primeiro encontro em meu consultório, quando procurou ajuda psicoterapêutica.

O tempo havia passado. Iamos nos encontrar fora do espaço do consultório. Retomar o tempo e saber das experiências que adquiriu estava sendo muito importante para este estudo.

“A história de vida por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.  
(*Queiroz, 1987: 275*).

Assim, com esse pensamento, procurei a pintora, que já não estava morando na capital de São Paulo.

Marcamos uma entrevista para o dia 3 de agosto de 2001. Fui até a cidade em que mora e nosso reencontro foi marcado por muita emoção e alegria. Estava como na primeira vez, em que a vi: elegante, cuidada, bonita e vaidosa nos seus 74 anos.

Ela me recebeu em seu ateliê que fica anexo à casa de sua filha, com quem mora, depois de ter ficado viúva. Pude observar na parte externa um jardim muito bem cuidado e ela me disse ter sido também a responsável pelo paisagismo.

Incluo nesse estudo fotografias cedidas por ela com o objetivo de mostrar como uma mulher que não sabia desenhar, que não sabia o que fazer depois de se aposentar, se transforma, na sua velhice, em uma artista plástica.



**Inauguração do Ateliê – 1998**



**Jardim da lateral do Ateliê - 1998**



**Interior do Ateliê - 1998**

Artista Plástica, sim, porque sua desenvoltura continuou em franco sucesso. Sua produção hoje se estende para pintura em pastel - que diz ser sua preferência - e esculturas.

*Não gosto de coisas repetitivas, por isso procurei diversificar o meu trabalho.*

Para a entrevista, que reproduzo a seguir, montei um roteiro norteador e fui munida com um gravador, para depois transcrever os depoimentos da Pintora que virou paisagista e atualmente, é também escultora.

Inicialmente, questionei o que representava a pintura naquela sua fase de vida, ao que me respondeu:

*Você me descobriu, acabei me tornando uma pequena pintora, eu digo pequena porque não sei desenhar. Sua orientação no passado me levou à pintura. Então consigo transmitir as minhas emoções para as telas. Cheguei a procurar um desenhista famoso, que dizia que liberava a parte direita do cérebro, e todos saíam dali desenhando! Não gostei, você sabe, não gosto de estudar, não gosto de estudar-regras, não gosto de regras. Então continuei com a minha liberdade de expressar o que queria e sentia.*

Podemos notar que o que expressa vem ao encontro das idéias de BEAUVOIR:

“Os pintores não estão sujeitos a regras tão estreitas quanto os músicos; mas também eles têm necessidade de tempo para superar as dificuldades do seu ofício, e muitas vezes é na última idade que produzem suas obras-primas”. (1990:499)

Depois, pedi que me relatasse a evolução de sua produção artística.

*Bem, eu tinha cinco filhos. Tinha, porque o meu menino faleceu há dois anos. (Neste momento, ficou com os olhos marejados de lágrimas e mostrou tristeza).*

*Foi e tem sido muito triste não tê-lo mais. Eu fiz cinco quadros de natureza morta. As frutas, as flores, a beleza e sensibilidade de uma natureza morta estampadas nos quadros foram feitos com maior amor para cada um dos meus filhos, para alegrar as suas refeições e testemunhar também minha presença nesta longa vida cheia de mistérios, dores e alegrias. Ao mesmo tempo responder à curiosidade dos netos e bisnetos que mais tarde irão indagar as particularidades de seus descendentes, orgulhando-se de sua própria origem, enaltecendo-os pelo esforço de vencer as limitações, apesar do tempo que não pára.*





**Natureza Morta - 1999**



**Natureza Morta - 1999**

Convém lembrar que ela passou por perdas significativas, como o marido e o filho, e torna-se muito difícil expressar estes momentos na velhice.

“Não é justo falar de uma relação com a morte: o fato é que o velho – como todo homem – só tem relação com a vida. (...) viver demais é sobreviver àqueles que amamos.

(BEAUVOIR,1990:543,544)

Continuou relatando de que modo se expandiu nas artes:

*Você sabe, não gosto de coisas repetitivas, então vou procurando sempre fazer algo diferente, para conhecer e sentir até aonde posso ir. Então fui fazer escultura e acabei gostando também e estou fazendo uns trabalhos razoáveis.*

A arte estimula regiões do cérebro que outras técnicas não conseguem alcançar, tem o poderoso dom de elevar a auto-estima e a integração com outras pessoas – o paciente e a atividade artística promovem uma complementação ao tratamento, no desenvolvimento de sua criatividade e o reconhecimento de sua expansão.

(...) a pintura e a modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois davam forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as, e objetivavam forças autocurativas que se moviam em direção à consciência, isto é, à realidade.”

(SILVEIRA,1992:17)

A seguir, deixou transparecer o desejo de voltar a escrever.

*Espero voltar a escrever que é o meu sonho e eu acho que é uma coisa assim prodigiosa para o espírito, principalmente para pessoas de mais idade. Através da escrita podemos pôr para fora os nossos sentimentos, porque os jovens, às vezes, não têm muita paciência para ouvir – eu já não estou ouvindo bem, então dificulta ainda mais o contato. Então, se eu puder voltar a escrever será a maior vitória de minha vida e acredito que não vou morrer – estou com 74 anos e não quero morrer antes de voltar a escrever, porque aí eu vou pôr para fora tudo aquilo que sofri, vou poder contar, passar para as pessoas que precisam, que estão desencantadas com a idade, com a velhice, com os limites e dificuldades. Eu acho que vai ser muito bom eu poder enviar uma mensagem às pessoas.*

Por intermédio desta declaração mostra sua vontade de vencer obstáculos e prosseguir em direção aos seus objetivos.

“Se um velho fica amuado com o seu tempo, não encontra nele nada que possa arrancá-lo de sua melancolia. Mas, mesmo que permaneça atento ao que o cerca, a ausência de objetivo torna sombria a sua vida”. (BEAUVOIR,1990:564)

Em seguida, ela se levantou e pegou um artigo que foi publicado no dia 2 de agosto, ou seja, um dia antes do nosso encontro, no jornal Folha de São Paulo.

*Veja que coincidência, ontem saiu esta crônica “As mulheres e o rádio”, falando de madame D’Anjou, que era eu, escrito pela Anna Veronica Mautner, psicanalista, que nem me conhece! Leia!*

Então, leio em voz alta:

“Rádio Difusora, 16h. Surge uma voz lendo cartas que era seguida pela voz grave de madame D’Anjou respondendo, sugerindo soluções para conflitos humanos. E era de todo o Brasil que escreviam para ela. Em torno do rádio, em cada casa, oficina ou loja, fazia-se silêncio para ouvir as bem pensadas palavras de madame D’Anjou ou para prestar atenção ao diálogo das novelas. A troca de carta por conselho era um dos raros aspectos interativos do rádio. O silêncio não representava respeito a algo sagrado ou divino. O rádio nunca foi um oráculo. Era a voz do outro, a descoberta da alteridade ainda sem trocas”.

*(MAUTNER,,2001:15)*

Neste momento de nossa entrevista, ocorreu-me interromper a gravação, e solicitar a ela que escrevesse sobre alguns quadros e esculturas de sua escolha, para compor este estudo.

Sua emoção era muito forte diante da coincidência.

Aqui me deparo novamente com a “sincronicidade” e não uma simples coincidência. O fenômeno que *JUNG* chamou de sincronicidade aponta nessa direção. Ele chamou de sincronicidade certas “coincidências” que observou entre um acontecimento no mundo objetivo e um acontecimento psíquico, ligadas por terem uma relação de significado, não necessariamente simultâneos mas próximos no tempo, e não ligados por uma relação causal que pudesse ser observada. Não esbarramos com acontecimentos deste tipo todos os dias, talvez porque normalmente somos incapazes de imaginar ou de admitir acontecimentos inexplicáveis, ou seja, que não tenham uma ligação causal.

Nós marcamos a nossa entrevista com um mês de antecedência, e um dia antes, ela leu no jornal a crônica que a deixou muito emocionada e com expectativa pela minha chegada para a entrevista. Quis saber se eu conhecia a psicanalista e eu lhe disse que só conhecia de nome.

Assim terminou o nosso encontro, ficando o pedido para me enviar pelo correio o que pudesse escrever sobre alguns quadros e esculturas.

O sujeito desta dissertação, a Pintora, foi por mim considerada como co-participante deste estudo que mostra a evolução ocorrida por meio do material enviado por ela e que se apresenta a seguir.

Foi-lhe dada à oportunidade de pensar no futuro quando parecia não mais ter perspectiva de vida com a aproximação da aposentadoria. *BIRMAN* nos aponta, com muita propriedade, em seu texto o “*Futuro de todos nós*”:

“A questão recente, que é crucial, é a transformação progressiva do lugar social da terceira idade. Com isso, se esboça a possibilidade de reconhecimento da velhice como sujeito psíquico existente e como agente social. Dessa maneira, o idoso pode talvez se relacionar com o futuro de uma outra maneira, redimensionando a sua inserção na ordem da temporalidade”. (1993:38)

A transformação que ocorreu com essa idosa tem sido motivo de orgulho às filhas e netos.

### 3.3 Retomando depoimentos da pintora

Este capítulo surge para complementar dados da sua história, partindo da interpretação da falas da Pintora.

*Não sei o que vou fazer. Não fui educada para ser dona de casa.*

Como vimos na sua história, desde os 18 anos de idade ela saía para trabalhar, portanto, era uma mulher produtiva.

A eminência de ficar em casa, de não ter uma atividade, então, levou-a a estados de ansiedade, angústia e depressão. O pensar numa vida ociosa a desestruturou.

“A imagem da “aposentadoria-milagre”, que permitirá, enfim, a realização de velhos desejos, é muito difundida; mas existe, em contrapartida uma imagem da “aposentadoria-catástrofe”.

*(BEAUVOIR, 1990:326)*

*Foi muito triste saber que tudo que produzi numa fase áurea de minha vida, não existia mais...!*

Selecionei esta reflexão, por perceber em seus relatos de hoje e de ontem a presença da perda. Não a perda de um ente querido, mas a perda de sua criação, do seu momento áureo como profissional de rádio. O arquivo histórico das cartas que recebia e os conselhos que emitia tinham sido destruídos. *Perdi minha alma.*



A sua época no rádio levou-a a sentir-se participante do mundo; as cartas recebidas por madame “D’Anjou” lhe proporcionaram uma importância única, pois era requisitada, refletia sobre as perguntas das ouvintes desconhecidas. Ao descrever e pensar nos problemas dos ouvintes, solicitando uma consulta, uma solução, uma orientação, emocionava-se.

*A perda desse arquivo foi como se tivesse perdido algo de dentro de mim.*

Ao ser solicitada a escrever sobre o seu trabalho, vibrou e se emocionou, apesar de não se sentir capaz. Porém, o pedido surtiu efeito, pois ela conseguiu escrever sobre sua produção artística.

*Sempre vou a exposições de pintores e fico com inveja do que eles, pintores, são capazes de fazer.*

Seu pintor preferido é Vicente Van Gogh: *Suas cores me fascinam.*

No curso de pintura, procurou conhecer a vida de Van Gogh e dizia:

*Sua história é muito sofrida, ele não se ajustava na família, na sua terra, na sua sociedade-ele viajou muito. Como ele eu consigo transmitir as minhas emoções para as telas... ...a beleza e sensibilidade de uma natureza morta estampadas nos quadros foram feitos com maior amor para cada um dos meus filhos, para alegrar as suas refeições e testemunhar também minha presença...quando eu não estiver mais aqui.*

Para ela a vida foi retomada através de paisagens e gente. “Eu não quero pintar quadros, quero pintar a vida” (Van Gogh: 1967,3)

### 3.4 A evolução da pintora

Como havíamos combinado, ela me enviou a descrição de cada quadro e esculturas escolhidas. E, como última citação desta dissertação, quero trazer MINAYO, que nos diz com muita propriedade:

“A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano”. (2001,9;10).

A pintora, mais uma vez, nos mostra a sua vontade de vencer os obstáculos que a vida lhe apresentou e apresenta, trabalhando para atender a nossa solicitação.

*Terminei o meu trabalho, feito com muito sofrimento, mas inenarrável alegria, por haver vencido a etapa mais difícil do bloqueio de escrita pelo qual passei e venci graças a você.*

Passo a transcrever o material enviado pela pintora. Sendo um trabalho realizado ao longo dos anos, opto por não fazer comentários e, sim, simplesmente, transcrever o que me foi enviado, quando lhe solicitei que escrevesse.

*O BARCO - Óleo sobre tela*

*Não podia mais permanecer na Capital de São Paulo e mudei-me para um condomínio, nas cercanias de Atibaia. Com grande tristeza aquele era o último dia de meu curso de pintura a óleo. Como meu quadro já estivesse no fim, olhei para a professora, emocionada. As despedidas em geral nos trazem tristezas e um vazio interior. A mestra percebeu, se conteve e foi logo dizendo:*

*“Temos ainda duas horas pela frente. Vamos fazer outro quadro.” Espantei-me e respondi que a tela era muito grande e não ia dar tempo. Ela retrucou: “E daí? Vamos inovar fazendo um quadro a quatro mãos. Não é nada comum.”*

*Rapidamente, pusemos as tintas na palheta e...zás! O quadro ficou pronto, como por milagre. Ela fez parte do mar e o barco, eu fiquei com o céu e a parte direita do oceano. Terminado o quadro, disse-lhe: eu te dou o céu e você me dá o mar! Abraçamo-nos embargadas, senti uma gota salgada nos lábios e para não chorar copiosamente, sorri e balbuciei – Ufa! Que foi isso? Um mutirão ou solidariedade de amigas? A mestra respondeu: “Não faz diferença, agora assine e quadro” Neguei textualmente: Não, quem assina é você que teve mais trabalho no barco. Além disso sempre quis ter um trabalho seu. Ela concordou sem mais palavras. Rápida como quem furta, saí, viajando no barco azul, sob os últimos raios de sol, em direção a minha casa e a nova vida que se avizinhava.*





**O Barco - 1997**

*MOÇA PENSANDO – Óleo sobre tela*

*Alta, esbelta, pernas e braços longos, mãos abandonadas, deixando pender um pequeno lenço de cambraia, bordado.*

*Naquela estagnação, em que estaria pensando ou sentindo? O que estaria esperando?...*

*Todos nós passamos por momentos assim. Lembrem-se de um desses momentos e adentrem o passado, vão relembando quantos acontecimentos bons e maus vocês viveram. Momentos lúgubres, fugazes, românticos, mas de qualquer forma benevolentes para nosso aprimoramento psíquico e espiritual.*

*Nossa modelo, no caso, deveria estar sentindo profundamente a falta ou a perda do ser amado: então, por coincidência, lembrei-me de uma frase, ignoro o autor, que diz assim: “Só se agarra ao passado, quem não tem nenhum presente!”*



**Moça Pensando - 1997**



*CAVALO – Pastel*

*Lá vai o meu trólinho, vai levando de mansinho, pela estrada além... lembram-se?*

*dessa modinha de carnaval, final dos anos 30? E do “Zorro” – estrela maior dos filmes ou então os “Tauregues”, com seus cavalos brancos, a novela “O Sheik de Agadir”. E mais o Jóquei Clube, acolhendo a nata da sociedade paulistana e de outras capitais, para aplaudir os grandes campeões como o foi o modelo dessa tela, cujo nome, infelizmente, não anotei. Aqui na metrópole como no interior, através dos Rodeios, das Cavalhadas, das Romarias, das charretes que substituem os automóveis, nas idas e vindas dos trabalhadores rurais. Sem falar da Equitação, quando vibrávamos com filmes de Gene Tierney e Bárbara Stanwich, com suas lindas botas, chapéus e bombachas, praticando esse belo esporte de elite! Assim, por meio da mídia, o cavalo se tornou o ídolo das crianças, que já começavam a vida brincando de cavalinho de pau.*

*Por minha vez, eu só não gosto, como amo a figura do cavalo por me passar (preste bem atenção) as imagens de força, coragem, valentia, sensualidade, paciência, humildade e um calor bem próximo ao humano.*



**Cavalo - 1998**

*A SENHORA DE JOELHOS – Escultura*

*Como poderia eu a essa altura da vida, 74 anos poder esculpir?*

*Como se pode ter a ousadia de aos 74 anos de idade tentar esculpir?*

*Mas, como minha vida sempre foi cheia de desafios, entrei numa escola de Artes plásticas e procurei logo o professor. Ele colocou diante de mim um pacote de argila e me disse: "Faça"! Faça o quê?! perguntei quase gritando.*

*"O que você quiser" - respondeu-me.*

*Fiquei meio irada. Que "diacho"! aquilo era jeito de tratar alguém em seu primeiro dia de aula? Então ergui ostensivamente a cabeça e insisti: -- Mas... fazer o que, senhor? Se não sei nada... Ele me apresentou a argila e respondeu:*

*"Tente, tome contato com ela, vá acariciando-a devagarinho".*

*De repente... de repente... ela foi se aquecendo nas minhas mãos, um pouquinho, só um pouquinho mais e pronto!*

*Saiu! gritei.*

*O professor ergueu os óculos e pulou da cadeira, surpreso:*

*"Como?"*

*E quase em êxtase, respondi:*

*Foi um parto doloroso, mas nasceu. E é uma mulher!*

*Uma senhora tímida, sofrida, orando, pedindo humildemente: Esteja sempre comigo, Senhor!*



**Senhora de joelhos - 1999**

*O PESCADOR – Escultura*

*A pedido de minha filha fiz a escultura desse pescador, aliás com saudade e o maior prazer, por ter sido a pesca um antigo “hobby” familiar, realizado com freqüência, num rancho, às margens do rio Moji Mirim. Lembro-me bem como curtíamos as tardes de verão, meus cinco filhos (atualmente quatro), eu e o maridão apaixonados por sol, água e principalmente por peixes. Lá, o pescador permanecia atento ao menor estremecimento da vara de pescar e eu, por minha vez, sequer pestanejava com receio de afugentar os peixes, quase conseguindo ouvir o ruído do silêncio. Há coisa mais preciosa e saudável do que ascender até as nuvens, vendo nosso corpo inerte alheio às preocupações, pressentindo a sensação de estarmos quase chegando lá?*



**O Pescador - 2000**

*MÃO – Escultura*

*Já me perguntaram, certa vez, de que parte do corpo humano eu gostava mais.*

A

*mão respondi de imediato.*

“P

*or quê?” o interlocutor prosseguiu.*

*Por que? É uma boa pergunta, boa mesmo. E sem pestanejar, comecei a enumerar:*

*Quem primeiro te acolhe na vida, que te seguram, te amamentam, embalam, acariciam. Quem... parei repentinamente e minha voz enfraqueceu, tornando-se soturna-. E a despedida dos amantes, o castigo injusto, a tortura, agressão e assassinatos? Ah! Quantos motivos encontraríamos para citá-la. Que bom que a mão apresentada mostra o chifre do unicórnio (símbolo do dinheiro e da fartura). Maravilhoso seria se nossas mãos só servissem para o bem da criação, do amor e da caridade, para que muito pudéssemos dar e por conseguinte, muito mais receber.*



**Mão - 2000**



*GANDHI – Escultura*

*Falávamos sobre a simbologia de escultura apresentada “A MÃO E O UNICÓRNIO” – quando me deparei com o busto de Gandhi, agora em seus últimos detalhes e retoques. Que ironia! Ele que é o apóstolo da não-violência, e que, conforme Adolfo Perez Esquivel, discípulo de Gandhi, ao prefaciá-lo um livro de Mahatma disse as seguintes palavras: “Gandhi compreendeu e experimentou, com maior clareza que qualquer outro líder de nosso tempo, que a libertação é um processo que começa na interiorização do homem e que alcança sua plenitude e forma explícita no comportamento social e político”. Gandhi era um mestre de vida. Certa vez, ao lhe perguntarem sobre qual mensagem deixava para seus discípulos, respondeu: “Minha vida é a minha mensagem”. Senti, então, que o dinheiro, mal aplicado pode ou não trazer felicidade e chocar com a filosofia e propósitos do líder em discussão, no que se refere à desigualdade social. Por tudo que tenho lido e aprendido com você, aqui fica a minha homenagem, GANDHI!!*



**Gandhi – 2001 (fase de acabamento)**

Considerações da Pintora ao me enviar seus escritos e fotos dos seus trabalhos:

*Entendi bem o seu intuito ao me pedir que escrevesse algo sobre os quadros e esculturas aqui apresentados.*

*Agora, após tantos anos de ausência, você reaparece com outro pedido: Escreva, em breves linhas, a respeito de seus quadros e suas experiências com tinta a óleo, sobre tela pastel e argila. Em breves linhas como você recomendou, eu diria:*

*Obrigada pela alegria e até mesmo orgulho, por me fazer aceitar tal luta de uma forma tão colorida, pelo prazer de haver ativado o meu espírito criativo, aumentando, então, o entusiasmo de viver e sobreviver, podendo agora harmonizar pintura, escultura e escrita pela Graça de Deus e de seu trabalho.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A volta à vida acadêmica, estudar o envelhecimento, criar possibilidades de renovar conceitos, de atualizar conhecimentos, conhecer pessoas que estudam e escrevem sobre o envelhecer, me propiciou uma vida renovada.

O momento de escrever o “Memorial” foi uma seqüência de emoções fortes, como saudades, alegrias, tristezas e perdas significativas dos idosos com os quais dividi uma parte da minha vida pessoal e profissional.

Sempre ouvi de amigos, colegas e também de pacientes, que eu deveria sair das “quatro paredes” e mostrar o meu trabalho, escrever mais.

Foi isto que esta dissertação me proporcionou: estudar, escrever... escrever, refletir sobre a expansão da Gerontologia e sua relação com os idosos que procuram ajuda.

Quando se dá a estes idosos oportunidade de transformações e ressignificações neste momento da vida, acredito que envelhecimento não mais possa ser considerado sinônimo de senescência.

A possibilidade da vida se tornar cada vez mais avançada em anos, pelas pesquisas científicas na área médica, no social e no psicológico, nos leva a olhar o envelhecimento com uma visão multidisciplinar, para melhor compreender os transtornos e desequilíbrios, físicos, emocionais e sociais que ocorrem,

quando é chegada a hora de mudanças desencadeadas pela aposentadoria, pela perda de parentes e amigos e pela necessidade de alterações do espaço físico.

A perda progressiva da eficiência funcional acarreta sempre uma necessidade de adequação à nova realidade.

Durante o meu estudo, o que pude perceber é que a possibilidade de assimilar aquilo que não é observado, permite investigar o que está oculto no âmago do inconsciente, ultrapassando o nível dedutivo dos indivíduos.

A vivência com idosos, familiares, amigos, comunidades e em consultório, levou-me a observar a importância do ser idoso dando novo rumo à sua vida após a aposentadoria.

Ser idoso aposentado é também poder se sentir útil, participante na sociedade, na família, percorrendo o envelhecer com novas realizações, expandindo os sonhos, os desejos, a criatividade, mostrando que sempre é tempo de ser feliz.

Ao escutar os relatos da pintora na vivência psicoterapêutica sobre seu estado emocional, sua insegurança, as angústias e depressões, percebi que a atividade calatônica foi também auxiliar para estimulá-la a iniciar nova trajetória diante da aposentadoria, voltando-se para as artes.

Mais uma vez me aproximo de BEAUVOIR, ao tratar de transformação:

“A velhice não é um fato estático: é o término e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta idéia se acha ligada à idéia de transformação. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, constitui uma incessante transformação. Seremos levados a concluir, como o fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? Certamente não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar.” (1976: 15)

O idoso precisa de estímulos significativos diante de sua história, precisa ser visto como único, para que não viva-morto, sem perspectivas no caminho do envelhecimento.

O meu trabalho clínico com idosos continua, pois a estimulação faz com que as pessoas vivam mais a vida, que vivam o hoje, que usem sua memória e a criatividade para criarem situações, atividades, alegrias e felicidade.

Este estudo me remeteu a reflexões sobre o envelhecer e, se aprovado, terei imenso orgulho em me transformar numa Mestre em Gerontologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BEAUVOIR, Simone. A velhice- a realidade Incômoda. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo / Rio de Janeiro Difel / Difusão. 1976.
- BEAUVOIR, Simone. A velhice – As relações com o mundo. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo. Difusão Européia do Livro. – 1970.
- BEAUVOIR, Simone – A força das coisas. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro. Nova Fronteira -1995.
- BEAUVOIR, Simone. Memórias de uma moça bem comportada. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo. Difusão Européia do Livro – 1959
- BEAUVOIR, Simone. A velhice. Trad. Helena Franco Martins. Rio de Janeiro – Nova Fronteira-1990
- BIRMAN, Joel. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na Psicanálise, Condensação das principais hipóteses trabalho apresentada na Conferência realizada no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ-1993
- BOBBIO, Norberto. O Tempo da memória: de senectute e outros escritos Autobiográficos. Campus. 1976
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo. Companhia das Letras. 1999
- CIAMPA. Antonio da Costa, A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo. Brasiliense. 2001
- DEBERT, Guita Grim. A reinvenção da velhice. São Paulo. Edusp /Fapesp.1999
- FARAH, Rosa Maria. Integração psicofísica – O trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung. São Paulo. Robe Editorial. 1995
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1975

- FILIZZOLA, Mario, A velhice no Brasil. Rio de Janeiro. Artes Gráficas. 1972.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico (IBEGE) São Paulo. 2001-11-15
- GEERTZ, Clifford, A interpretação das culturas. Rio de Janeiro LTC-Livros Técnicos e Científicos. 1973
- GOLDAMN, Sara Nigri, Universidade para terceira idade: uma lição de cidadania. Doutorado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1999.
- GOGH, Vicent Van, A maior coleção de arte do mundo. Rio de Janeiro. Victor Civita - Abril Cultural. 1967.
- JUNG, C. G. Memórias, sonhos, reflexões. Trad. Dora Ferreira Silva – São Paulo. Nova Fronteira – 1975.
- KOLYNIK, Helena M.R. Anais da ABRAPSO, São Paulo - 1996
- LOPES, Ruth Gelehrter da Costa, Saúde na velhice. São Paulo Educ/Fapesp. 2000.
- LUKÁCS, G. Existencialismo ou Marxismo? Editora Senzala. São Paulo. 1967.
- MAUTNER, Anna Verônica. Crônica; As mulheres e o rádio. São Paulo/folhaequilíbrio / Folha de São Paulo. 2/8/2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza, Org. Pesquisa social-teoria, método e criatividade. Petrópolis. Vozes -18 ed-2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza, O desafio do conhecimento- Pesquisa qualitativa em saúde; 6a ed. São Paulo / Rio de Janeiro. Hucitec-Abrasco. 1999.
- PEIXOTO, Clarice, A la rencontre du petit paradis: une étude sur le role des espaces publics dans la sociabilité des retraités à Paris et à Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Paris. 1993.



- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, Relatos orais do “indizível” ao “dizível”; ciência e cultura. São Paulo. CERU / Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP-1987
- SANDOR, Pethö e outros. Técnicas de relaxamento. São Paulo. Vetor. 1974.
- SEVERINO, Antonio Joaquim, Metodologia do trabalho científico. São Paulo. Cortez. 2000
- SILVEIRA, Nice da. O mundo das imagens. São Paulo. Ática S/A. 1992.

## **OBRAS CONSULTADAS:**

---

- BEAUVOIR, Simone, Uma morte muito suave. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.1984
- BERLINK, Manuel, A envelhecimento in Boletim de Novidades Pulsional , ano IX, Nº 91, Novembro – 1996.
- DAGNINO, Evelina (Org) Os Anos 90: Política e Sociedade no Brasil. ECO, Umberto, Como se faz uma tese. São Paulo. Perspectiva S/A. 1999
- GOLDFARB, Délia C, Tempos de envelhecimento - dissertação de Mestrado. PUC - São Paulo-1997.
- LOPES, Ruth Gelehrter da Costa, As interpretações sociais da saúde na velhice, Refletidas no uso do medicamento - Tese de Doutorado - Faculdade de Saúde Pública da USP. pag 159. 1999.
- LOPES, Ruth Gelehrter da Costa, Velhos “indignos” investigação a respeito do projeto de vida de idosos que se mantêm socialmente ativos. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. pág 167.1990.
- MARTINS, Joel, Não somos kronos, somos kairós-Ciclo de Eventos O Ser e o Tempo- A Universidade e o Envelhecer-1991.
- MERCADANTE, Elisabeth Frohlich, A construção da identidade e da subjetividade do idoso. São Paulo. Doutorado em Ciências Sociais. pag 203. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-1997.
- MESSY, Jack, A pessoa idosa não existe. Trad. José de Souza Werneck. São Paulo. Sliph-1993.
- PRÉTAT, Jane R,Envelhecer-os anos de declínio e a transformação da última fase da vida. São Paulo.Paulus.1997.
- TAMARO, Susana. Vá onde seu coração mandar. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.